



8ª EDIÇÃO

U P I L E



CC 2026

www.revistaupile.com

UPILE REVISTA

UPILE REVISTA

NOSSOS SERVIÇOS

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



"A pintura é a poesia mais vista do que sentida..."
Leonardo da Vinci

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 8ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Revista Upile

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 40

Número de Páginas: 60

Ano: 2026

SUMÁRIO



ENTREVISTA

08



OPINIÃO

15



COLUNA

21



DEVANEIOS

27



ENTRE - VERSOS

36



MINHA BIO

39



PERGAMINHOS

44



TURISMO & LAZER

46



ARTES & VIDA

51



TRILHA DA NOSSA
CAMINHADA

56

Caros leitores,

A linha do tempo levou-nos ao mês de julho, por sinal o 7º do ano. A Upile, porém, numa contagem própria, num degrau acima, traz aos seus a 8ª edição, para que, do cume da montanha, contemplemos as memórias dos tempos idos.

Em cada uma das suas páginas residem momentos e histórias cujo legado o vento se encarrega de trazer à ribalta nos dias de hoje. Os célebres hinos do Machonguezi, carregados de saudade e muita emoção, fazem parte desta edição. As artes plásticas dominam e tornam esta viagem mais colorida, com o decano Harare e o jovem Tecartes a inspirar gerações de artistas no mundo das pinceladas.

No turismo e lazer, esta edição convida os leitores a visitar e provar o Chambo, recentemente distinguido como melhor restaurante de Niassa. Assim, um passeio pelas nossas páginas é uma visita guiada ao mundo das tradições e memórias que nos fazem povo.

Continua a ser um prazer levar até si cada uma dessas memórias.

Obrigada, em nome de todos os géneros literários, como somos.

Geraldina Paia Gueze



ENTREVISTA

"VALORIZAR AS ARTES PLÁSTICAS É TAMBÉM DECORAR PAREDES DE HOTÉIS COM OBRAS DE ARTISTAS LOCAIS"

Rosário Harare

Um Mestre de inúmeros ofícios, mas tem nas artes plásticas, a maior dívida de todas, por tudo quanto os pincéis, as tintas e os quadros deram na sua vida durante uma trajetória de mais de 4 décadas bebendo do suor de cada pincelada.

Rosário Harare, em conversa com a UPILE, não falou de Maúa como apenas o guardião do seu cordão umbilical. Para si, é o celeiro que forjou o seu talento; a casa onde a espiga a cada grão alimenta sonhos e mata cede de quem algum dia ousou questionar a fertilidade do seu ventre.

Lembra a sua infância e os tempos da disciplina de desenho na década de 80, com uma esperança nostálgica de hoje, também ver mais jovens talentos paridos nas aulas de Educação Visual.



Conta que no início era apenas representação de objectos, a paisagem ou a natureza usando um lápis, acompanhado por um dom artístico, onde suas obras eram sempre distinguidas e exibidas no átrio da escola, uma exposição apreciada e elogiada por muitos, servindo assim de combustão para a sua veia artística.

Sempre criativo, nenhuma ausência de material o limitou. Na falta de tintas apropriadas, usava tinta das canetas e misturava com petróleo para variar as cores nas obras. A outra técnica aperfeiçoada foi o fumo produzido por chaminé que misturado com o petróleo, produzia a tinta preta.



Com paixão, fala de obras da sua arte em quadros, retrato, letras, textura ou em murais na praça pública. É nestes últimos que reside o registo que mais considera marcante, quando em 2010 requalificou a Casa de Cultura, o Mural da Praça Infantil e o da Residência Oficial de Administrador em Marrupa, no âmbito da visita presidencial, das suas mãos, a Vila ganhou vida e dignidade para receber um Presidente da República. Em 2012, pintou o memorial da Praça dos Heróis em Metangula, uma forma de fortalecer a consciência histórica dos nossos povos, cujos bônus lhe renderiam a primeira viatura de transporte público.

Para Harare, há conquistas imensuráveis. A auto-expressão e construção da identidade, estímulo ao raciocínio crítico do trabalho executado, representam algumas dessas conquistas, como verdadeiras bandeiras do artista. Entretanto, carregado de emoção, aponta o reconhecimento público pela sua obra, como a maior das conquistas que um artista deve desejar.

RENÉ R.F. MOUTINHO, M.Sc.

- * Licenciado em Ensino de Português
- ★ Mestre em Educação
- * Docente Universitário, desde 2008



SERVIÇOS:

- Revisão Linguística
- Consultoria Académica
- Assessoria Administrativa
- Tradução e Interpretação ENG <> PORT

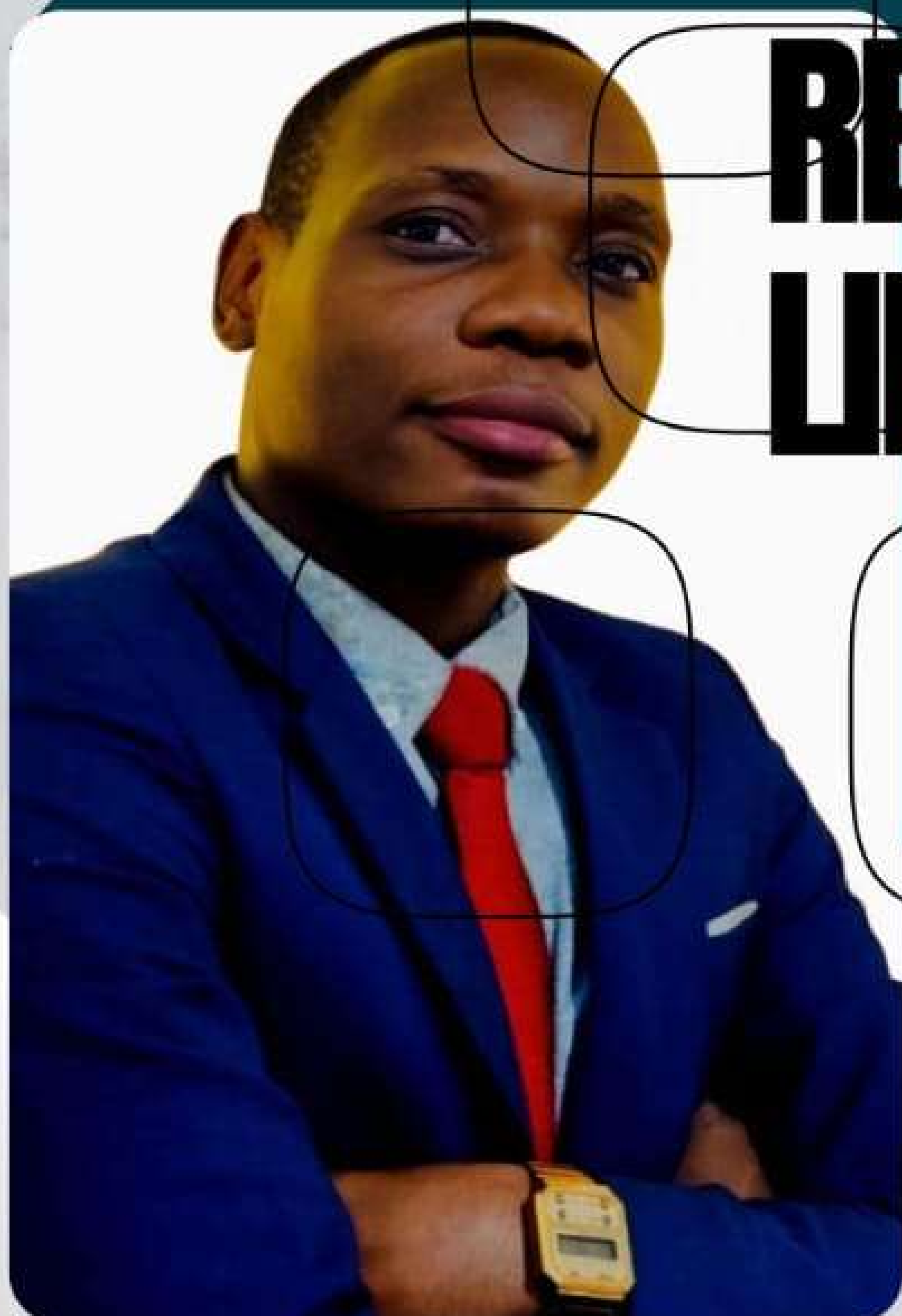
CONTACTOS:

84 65 35 421

renemoutinho@gmail.com

ADRESS:

Cidade da Beira
>>> Sofala
Vila de Gorongosa



REVISOR LINGUÍSTICO



Aqui, o erro não é humano;
é passado.



"Não ensinei os meus filhos as artes, eles herdaram esse dom."

Rosário Harare, como qualquer pai, doou seu DNA aos seus 3 filhos, que criam uma harmonia perfeita entre as artes plásticas e o design, como o poeta sustenta suas relações entre os versos e estrofes. O pai de 3 artistas, conta que os filhos aprenderam a pintar como quem escreve no livro da vida, trilhando seus próprios caminhos. Os 3 artistas, cuja assinatura "Harare Filho" é uma marca que fala mais do que presença, iniciaram a arte em paredes da vizinhança, onde as assinaturas falavam mais do que o material que cada vez mais escasseava na oficina. Uma família feita para as artes, as meninas também falam o seu idioma pelas mãos, embora se comuniquem n' outras artes.

Não existe Harare sem as artes, para além das artes plásticas, a sapataria ao longo dos anos foi outra arte cujas mãos lhe ensinaram, que mais do que concertar, produzia sapatos que o tornaram fornecedor para figuras como Governador de Niassa.



Nesses anos beneficiou de financiamentos e conheceu diversos cantos da zona norte e parte dos países vizinhos como Tanzânia, Malawi e Zimbabwe a busca de matéria prima. Seu projecto só cessou com o aparecimento de fardos de sapatos de calamidade.

Na sua vivacidade e adaptabilidade, Harare conheceu na fotografia outra paixão, que por muitos anos deu lhe sustento antes da era digital. Quando a fotografia deixou de render, de 1996 a 2000, o Vídeo Clube Harare foi outra iniciativa célebre e bastante lucrativa, onde a cada metical, Lichinga conhecia a 7ª arte, dando vida, imagens e sons nos ecrãs espalhados em 5 bairros. Apesar disso, ele aponta que mesmo quando as suas mãos emprestaram outras artes, o desenho artístico, esteve sempre presente na sua vida.



Para Harare, o ingresso no IFAPA foi fundamental para conciliar as artes e a carreira de servidor público. Ainda assim, na Repartição da Cultura do Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia de Lichinga, encontrou um lar, que sustenta seus sonhos, seu desejo e ambição de ajudar jovens no aperfeiçoamento das artes, tarefa que lhe ocupa o dia a dia nas comunidades, como mais do que servidor público, um caça talento.

"A abertura de uma Praça das Artes seria uma forma de celebração da nossa Cultura."

Com as potencialidades turísticas e culturais do Niassa, sonha em ver mais promoção das artes plásticas, e aponta a presença de artistas locais nas paredes dos grandes hotéis assim como venda e exposição

de obras de artes para maior divulgação e fortalecimento da indústria cultural e criativa da província.

Fala de uma gratidão enorme no mundo das artes. Sente se suficientemente valorizado, razão pela qual até os próprios filhos vivem na sombra do seu legado. Mas como artista, não vive atento apenas ao seu próprio umbigo, aprecia talentos que também forjaram Niassa no mundo das artes plásticas, e faz vénias a nomes como do saudoso Chingolo, ou do Mestre Canhão e o Chavito.

Como sonhador, espera ver mais jovens talentos em palcos cujos degraus habitem alturas que sua carreira não escalou. E para esse sonho tornar-se real, empresta sua capacidade criativa para resgatar artistas nas comunidades e nas escolas nos diversos concursos. Para ele, a abertura de uma Praça das Artes seria a cereja num bolo já decorado de todas variações das artes plásticas.



Texto d'Artimisa J. Mucavele



OPINIÃO

A MONOGAMIA FOI IMPOSIÇÃO DO COLONO EUROPEU (EM ÁFRICA)

Por Geraldo Cebola (Cbaskovic)

Samora dizia “vamos matar a tribo para nascer a nação” e, com todas as diferenças a debater, nasceu a nação moçambicana.

Nós dizemos que não vamos matar a poligamia para nascer a monogamia, mas o que nasce são pensões/quartos que germinam como cogumelos por tudo o que é canto para permitir e legitimar as traições.



Queremos uma geração de pensões ou preferimos a poligamia.

Mas para acolhermos a poligamia há que aceitarmos a possibilidade da poliandria? Essa é que é a questão. Se não for, então seremos uma lei machista e o feminismo ocidental terá sempre força.

Eu sou defensor do feminismo africano e não eurocêntrico, e como resultado tenho algumas diferenças na percepção sobre a monogamia e a poligamia. E a minha teimosia de historiador têm me empurrado para outra margem da defesa do feminismo. Do mesmo jeito que não concordo com a falácia do desenvolvimento sustentável por ser falácia do Banco Mundial (mas para lá irei noutro texto).



JUNTOS
PODEMOS
SALVAR
UMA VIDA!



VAMOS AJUDAR O NOSSO IRMÃO

**GOLDFRED
CHANDE**

GASOL / ANATOL

QUE PADECE DA DOENÇA

CANCRO



Com fé, união e solidariedade,
podemos dar-lhe a oportunidade
de continuar a sua luta e **vencer!**

1



PASSAGENS AO BRASIL

para o tratamento de transplante de células.

2



ORÇAMENTO:

R\$ 90.000,00

cada aplicação sem incluir exames,
equivalente perto de ou mas ao menos a
MT 1.121 817,882.

3



EXISTEM VÁRIAS COTAÇÕES DE PAÍSES
QUE SE PODE EFECTUAR O TRANSPLANTE
DAS CÉLULAS COMO:
Brasil

4



NESTE MOMENTO PEDIMOS DE CORAÇÃO
A VOSSA CONTRIBUIÇÃO NO QUE FOR
POSSÍVEL, DO POUCO POUCO QUE
CHEGAREMOS LÁ E CONSEGUIREMOS
SALVAR UMA VIDA.

*A SUA DOAÇÃO
PODE FAZER A
DIFERENÇA!*

FAÇA A SUA DOAÇÃO COM AMOR!



CONTA BIM

77027216

NIB

00 0100000007702721657



876030260

NOME:

Goldfredy chande

CONTAMOS COM A SUA GENEROSIDADE!

Juntos somos mais fortes!



As comunidades africanas foram sempre poligâmicas, antes da chegada dos missionários europeus munidos da Bíblia, o sagrado livro mais conhecido e consultado do mundo. Nas nossas sociedades o homem casava e ainda levavam a irmã da noiva para ir ajudar “nenecar” OS FILHOS. NO CASO DA NOIVA NÃO GERAR FILHOS, o homem podia casar a irmã ou a nenecadora quando tivesse idade, visto que já estava treinada.

Voltando aos factos, afirmamos que: a poligamia sempre parte do *modus vivendi* das sociedades africanas antes da intromissão do cristianismo com seus valores monogâmicos com suporte bíblico.

A poligamia continua a ser comum em grande parte de África. E Moçambique não está isento desta realidade social. Em grande parte da região norte de Moçambique e nas regiões costeiras/litoral do país a poligamia é encarada com naturalidade por causa da influência da religião islâmica que agrega maior número da população. Diferentemente do centro e sul do país em que maioria da população professa a religião cristã, dividindo-se entre católicos e protestantes. Os católicos, assim como os protestantes, baseando-se no seu livro Sagrado (a Bíblia), não aprovam a poligamia.

Foi na base desta tese que o colonialismo se aliou à Igreja e combateu os valores culturais africanos, em toda a África e em Moçambique, em particular. Pregou-se que as nossas línguas não eram línguas, que os nossos deuses, como Mphondoro (para o caso do centro de Moçambique/Manica), eram demónios. Que o céu era branco e os anjos também eram brancos e de asas brancas (não estou a atacar). Que as trevas eram negras. Que tudo o que fosse negócio ilegal pertencia ao mercado negro. Que fazendo a quarta classe, ser assimilado, falar e escrever a língua portuguesa; decorar os nomes dos rios de Portugal (como o Tejo e o Douro), decorar os nomes dos reis portugueses era sinónimo de ser branco português.

Neste contexto, práticas sociais como a poligamia eram pecado e selvajaria.

É preciso ressaltar que, por causa da globalização, e do esforço de criação duma humanidade global, com valores universais que são ditados a partir do consenso de Washington, que para tal usam a mídia, a internet e TV, mesmo casais muçulmanos tendem a ser monogâmicos. Assim como existem casais em regiões de predominância cristã que são poligâmicos.

Em vários países da África subsaariana, mais de 10% das mulheres casadas estão numa união poligâmica. Entre o Senegal e a Tanzânia estende-se um “cinturão da poligamia”, no qual é comum encontrar mais de um terço das mulheres casadas em relações poligâmicas. A poligamia tem sido apontada como uma possível causa das baixas taxas de poupança em África, da elevada incidência de VIH, dos elevados níveis de mortalidade infantil e da depressão feminina.

A positivação do cristianismo e da monogamia eram acompanhadas, necessariamente, da negação de outras espiritualidades e de outras formas de laços afectivos indígenas. O pesquisador comenta que, também por isso, a imposição cristã foi, em nosso território, um dos primeiros grandes marcos do racismo estrutural. A tutela decorrente desse processo acompanha o racismo anti-indígena até hoje. A presunção de que precisávamos ser salvos orientou todo o processo de evangelização, afinal como pontuam em suas próprias cartas, os jesuítas não vieram para cá esperando serem salvos por indígenas, mas sim serem os salvadores. Se não acreditassem que seu Deus era o único possível, “o único caminho, a verdade e a vida” (BÍBLIA, João, 14), se concebessem a legitimidade da existência de outros deuses, a motivação para o projeto colonial não teria se estabelecido da mesma forma (Núñez; et al, 2021, p.78).

Por ser um texto provocativo e de opinião, termino com as perguntas abaixo:

1. As mulheres afirmam, no meu país, que os homens são poucos por isso há necessidade de partilharem os homens, o que falta são homens ou homens que as sustentem?
2. A monogamia é um modelo de casamento que assenta nos valores e comportamentos nossos como africanos?
3. Porque há tanta traição, se o casamento monogâmico nos satisfaz?

Para quem queira aprofundar seu conhecimento sobre o tema pode ler:

Fenske, James. (2011). African polygamy: past and present. Originally presented at Modern and comparative economic history seminar, 03 November 2011, London School of Economics and Political Science. This version available at: <http://eprints.lse.ac.uk/39246/>

Núñez, Geniet al. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print)



COLUNA

DJANDO

COMO SE COME CAMELO



A comunidade estava chocada, uns diziam – foi enterrar o biff, não queria que mais moscas pousassem sobre ela – outros lamentavam com pesar aquele triste acontecimento, culpavam maus espíritos na comunidade, depois que a notícia se espalhou – até, chamaram o régulo para fazer “sadaka”, missa tradicional.

Se eu pudesse provar isso em tribunal, talvez, não tomaria esta decisão, mudava – por imaginar quanto dinheiro eu teria,

fruto de indenizações por ter sido violada de forma recorrente e inconsciente – à distância, desde a minha adolescência, primeiro com o “namtibwi” – marido da noite, agora, os dois, “namtibwi” e homens reais que se apaixonam por mim, minto, sim, por meu corpo, sem nunca me revelar e ou antes comigo conversar, muito menos conhecê-los, nas noites frias, estes inconfessos, realizam os seus desejos, bebem da água do meu rio como se bebe água por um indivíduo com sede e/ou como se come caramelo por um esfomeado.

– Só na imaginação, imaginando minhas curvas, cintura, ancas, minha trela avantajada... quantos, quantos destes saciam, saciei e ainda vão saciar sua sede no meu rio, nas noites de luar ou noites frias, debaixo dos cobertores ou no banheiro, enquanto eu, mal durmo, atormentado por pesadelos! Quantos destes matei a sua sede, saciei... sem que eu saiba, soubesse, muito menos, conhecesse os seus rostos, na loucura dos seus abomináveis desejos ou amor “Eros”!

Foi o desabafo da Ninha encontrado no meio do seu diário, escrito dias depois que, assolada por uma profunda depressão, mais uma vez, um cão, como ela chamava os homens, seduziu-a, sugou, o néctar crocante dos seus encantos e beleza – dado às costas – um tal de Mbwana, o segundo, depois de Matola, que iludiu a pobre coitada, não era primeira, nem a segunda declaração que Ninha ouvia dos homens, todos os dias, sempre que saísse para a rua, mercado ou escola, o trânsito parava, nenhum homem com “agá” maiúsculo resistia, os mais sensatos ou fiéis, assim que o cruzamento se efectuava, viravam o pescoço para ver a trela que aquele corpão de mulher levava no seu reboque, os olhos dos admiradores, cobiçosos, colavam por breves ou longos segundos e se deliciavam, sem mesmo tocar na fruta, esqueciam momentaneamente a sagrada escritura que nos ensina a não cobiçar, a arrancar e atirar para fora o olho ou órgão que se atreve a nos levar para o inferno.

Mas, as declarações ou melhor as cantadas de Mbwana, que ela era a rosa mais rara do jardim, que a vida dele não faria sentido sem ela, que ela era o ar que ele necessitava para continuar a existir, que ela era o seu propósito de vida, que o amor que ele tinha por ela não se segurava e – muitas vezes, dizia ele – para não morrer louco de desejos e “tesão”, estimulava seus órgãos genitais imaginando-a colorida como o arco iris, agradável e brilhante como as estrelas no ar, que sentia estrondo como o da descarga atmosférica – na hora em que via a sua masculinidade crocante como “yogurt de malambe” transbordar e/ou espalhar-se pelas suas mãos e chão, na irresistível imaginação, ele, dentro do rio dela ou floresta – que ele era o apicultor e – sua rejeição soava como picadas de abelhas mas, não abria mão daquele mel.

Recusou a todos, depois que Matola seu amor da adolescência deixou-a com um filho, sem recursos, viu-se longe de correr para os seus sonhos para cuidar do menino, eis que surge Mbwana com palavras cheio de doçura e ternura, como um príncipe encantado e, não foi recusado, fez das suas ou melhor, fez o que lhe interessava, alcançar seus objectivos, bebeu a água do rio, sujou-a e sumiu, deixando-a com mais um filho. Mais tarde, Ninha ficou sabendo que os homens saciavam sua sede, sem mesmo ela saber ou ser tocada, só no virtual, foi isso que exacerbou o adjectivo “cão” para todos os homens.

Quando todos ficaram sabendo que Mbwana era o autor moral daquele triste acontecimento, os homens, solteiros e casados da comunidade, admiradores e apaixonados, secretamente e declarados, incluindo os inconfessos “Namtibwis”, quase foi trucidado, para continuar em vida – teve que se mudar para uma comunidade distante, a comunidade soube anos depois que Mbwana havia-se transferido para o interior do distrito de Muembe, a viagem da sua partida aconteceu na calada da noite e contou com ajuda do seu primo, Ntapua.

- Perdemos a Ninha por conta deste irresponsável.

Diziam os homens, furiosos e continuavam a viver suas fantasias, como se estivessem dentro do rio dela, para conseguir se livrar, exhibir ou demonstrar a masculinidade, estando no banquete ou calor de outra mulher.

Até hoje, as organizações feministas continuam a trabalhar afincadamente para reunir provas condenatórias, não só para o Mbwana mas, para todos os homens que beberam do rio da Ninha, no virtual, sublinhe-se, com as provas exigir os órgãos de justiça, uma condenação exemplar, como forma de prevenir próximos casos do género na comunidade de Chiulugo – interior da cidade de Lichinga e quiçá – em todo o país.

DO ALTO DA COLINA

QUANDO NÃO SE ENTENDE O QUE SE LÊ, MAS SE TEM PLENA CERTEZA DO QUE SE OPINA!

O mundo actual não é apenas polarizado politicamente, mas também socialmente, economicamente e sobretudo no que a opinião diz respeito. Já dizia Umberto Eco, em relação a falta de filtro na internet que *“a tecnologia promoveu o idiota da aldeia ao patamar do portador da verdade, equiparando opiniões rasas ao conhecimento científico.”*

O que se vive hodiernamente, principalmente no mundo virtual (internet) é a existência de uma espécie de seres humanos que se acham dotados de superpoderes, como agem? Eles lêem pouco, entendem menos ainda, mas mesmo assim, por se acharem super especiais, reagem à velocidade de jacto para dar a entender que percebem melhor em relação a quem escreveu ou teceu o comentário alvo da reacção deles.

É um aprendizado comum nas escolas de comunicação: quem quer comunicar, deve codificar uma mensagem.



Escolhe palavras, organiza ideias sem receio de que as mesmas sejam debatidas. Em contrapartida, quem recebe essas ideias milimetricamente organizadas e sem receio de que as mesmas sejam alvo de debate, deve ser capaz de entendê-las e sobretudo codificá-las. Mas o que se vive actualmente é o inverso do que razoavelmente devia ser.

Como escreve Micaria Lins “comunicação é telepatia. Você pode ser claro. Pode ser didático. Pode ser elegante, pode escolher cada palavra com precisão cirúrgica. Ainda assim se do outro lado existe pressa, projecção, má – fé ou limitação cognitiva, a mensagem chega deformada. E é nesse ponto que muita gente chama de opinião, aquilo que na prática, é só falta de descodificação com auto-estima alta.”

Estamos só em 2026, a Inteligência Artificial ao que tudo indica veio para ficar, não bastam as redes sociais que cresceram o nível de arrogância, prepotência em jeito de opinião inabalável, inalienável, e extremamente difícil de ser rebatida, agora temos de conviver com esse monstro chamado Inteligência Artificial, que de inteligência nada tem, mas tão-somente a projecção, endeusamento grosseira do ócio.

Portanto, vivemos tempos em que ao invés de enfrentar o argumento, os detentores da opinião inquestionável preferem atacar o mensageiro.

É destes tipos que não entendem o que se lêem, mas têm certeza das suas inabaláveis opiniões que o mundo, a sociedade actual deve não apenas combatê – los, como também saber lidar com eles, são muitos, obviamente, mas combatê – los e lidar com eles é um imperativo.



DEVANEIOS

A VIÚVA RICA E BELA, QUE AINDA ESPERA POR UM VERDADEIRO LAR

Na costa sudeste da África Austral habita uma mulher de rara beleza. A norte, é abraçada pela Tanzânia; a noroeste, pelo Malawi e pela Zâmbia; a oeste, pelo Zimbabwe; a sudoeste, pela África do Sul; e, mais ao sul, pelo Reino de Eswatini e novamente pela África do Sul. Entre esses vizinhos vive uma grande dama, cuja elegância parece ter sido cuidadosamente esculpida pela própria natureza. Poucas mulheres foram tão generosamente contempladas pelo destino.



No seu ventre repousam imensas reservas de gás natural; nas suas mãos cintilam rubis, grafite e areias pesadas; sob os seus pés escondem-se ricos veios de carvão mineral; os seus campos são férteis, os seus rios abundantes, o mar que a banha oferece generosos recursos pesqueiros e as suas paisagens parecem convidar o mundo inteiro a contemplar a sua beleza.

Extraordinariamente rica, mas, há um paradoxo que desafia qualquer lógica: apesar de toda a sua beleza e de toda a riqueza que possui, continua sem encontrar alguém que verdadeiramente a tome como seu lar.

É admirada, desejada e disputada, mas raramente amada com a profundidade que merece. Conta-se que, em tempos passados, foi feliz ao lado de dois grandes maridos. Homens que a trataram com coragem, lealdade e devoção, libertando-a daqueles que, durante séculos, haviam saqueado as suas riquezas e aprisionado a sua dignidade. O destino, porém, revelou-se implacável. Ambos perderam a vida em circunstâncias que a História jamais conseguiu explicar de forma consensual.

Um foi vítima de uma bomba dissimulada numa encomenda; o outro pereceu num dos mais enigmáticos acidentes aéreos envolvendo um chefe de Estado. As dúvidas sobreviveram ao tempo e continuam a alimentar debates entre historiadores, juristas e estudiosos.

A jovem viúva voltou a despertar inúmeros pretendentes. A sua beleza nunca deixou de fascinar, e a abundância das suas riquezas tornou-a ainda mais cobiçada. Não lhe faltaram companheiros dispostos a conduzir o seu destino. Alguns demonstraram genuína dedicação; outros limitaram-se a prometer um futuro radiante sem jamais conseguirem transformar as palavras em realidade.

Curiosamente, parece haver uma estranha ironia que acompanha a sua história: quanto menor o amor concedido à viúva, maior parece ser a probabilidade de o marido permanecer vivo. Naturalmente, trata-se apenas de uma reflexão alegórica, incapaz de produzir qualquer conclusão científica, mas suficientemente provocadora para despertar a curiosidade dos filósofos e dos estudiosos da condição humana.

Raramente teve um marido sem adversários ao redor. Alguns pretendentes mostraram-se à altura do marido; outros nem sequer alcançavam os seus passos. Havia os que falavam com lógica e prudência, e havia também os que, movidos apenas pela ambição, chegavam ao absurdo para conquistar a sua atenção.

Como qualquer mulher que valoriza a estabilidade do lar, ela hesita. Não sabe se deve confiar nas promessas grandiosas de um futuro aparentemente sustentável ou agarrar-se ao pouco, porém concreto, que já possui nas mãos. Entre a esperança e o receio, escolhe continuar ao lado de um marido que administra a casa, mas que nunca chega a fazer dela o seu verdadeiro lar.

Os seus filhos, entretanto, cresceram distraídos pelo poder de provisão de cada pai. Encantados pelas diferenças herdadas, esqueceram-se da origem comum.

Já não reconhecem com clareza o valor do mesmo cordão umbilical que os uniu desde o princípio.

Por isso, não causa espanto ver entre eles divisões semelhantes às que afligem tantas outras famílias do mundo. Traem-se, excluem-se, desprezam-se e, por vezes, comportam-se como estranhos que disputam o mesmo teto. O sangue que deveria aproximá-los parece, em certos momentos, incapaz de silenciar os gritos da rivalidade.

Talvez seja essa a tragédia inscrita no destino da viúva. Algumas relações terminaram em dor porque os maridos a amaram intensamente; outras desapareceram simplesmente porque o tempo consumiu um amor insuficiente.

E os filhos, nascidos de diferentes histórias, raramente fazem o esforço necessário para reconhecer a irmandade construída pelo ventre da mesma mãe.

Enquanto isso, novos pretendentes continuam a surgir, trazendo discursos sedutores e promessas de prosperidade. Contudo, muitas dessas promessas ainda não foram suficientemente provadas pela realidade.

Os insensatos afirmam que os maridos não se apropriam dela porque sabem que toda relação acabará como as anteriores: desfrutam das vantagens do casamento e partem quando lhes convém. Os descendentes acusam o marido actual, argumentando que é ele quem administra os bens da casa. Os vizinhos observam em silêncio, convencidos de que os conflitos daquela família não lhes dizem respeito. Mas os que se apresentam como amigos da viúva são, muitas vezes, os que mais lucram com a sua fragilidade. Aproximam-se com palavras de solidariedade, enquanto recolhem discretamente os frutos da desunião. Os religiosos continuam a erguer a voz, procurando despertar nos filhos da viúva a consciência de que nenhum património é mais valioso do que a fraternidade.

Recordam os ensinamentos dos Evangelhos de Mateus e Lucas, nos quais o amor ao próximo se apresenta não como um simples conselho, mas como um dever capaz de restaurar a dignidade humana. Os filósofos, por sua vez, recordam que nenhuma teoria que semeie a separação entre semelhantes pode conduzir a uma sociedade verdadeiramente justa. Toda a ideologia que transforma irmãos em adversários afasta-se da verdade, da liberdade e da própria condição humana.

Os historiadores evocam as palavras de Nelson Mandela: 'Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, pela sua origem ou pela sua religião. As pessoas aprendem a odiar; e, se podem aprender a odiar, também podem aprender a amar.'

Apesar de tantas advertências, a viúva permanece à espera. À espera de um marido que compreenda que governar não é possuir, mas servir. À espera de filhos que descubram que nenhuma diferença política, regional, étnica ou religiosa é suficientemente grande para apagar a marca do mesmo ventre que lhes deu origem. À espera de amigos que deixem de explorar as suas fragilidades e passem a respeitar a sua soberania.

Porque a maior pobreza da viúva nunca foi a falta de riquezas. A sua verdadeira pobreza sempre foi a escassez de um amor suficientemente grande para proteger tudo quanto possui. No dia em que marido e filhos compreenderem que pertencem uns aos outros antes de pertencerem a si mesmos, a viúva deixará de ser apenas rica e bela.

Nesse dia, finalmente terá encontrado o que procurou durante toda a sua existência: um verdadeiro lar.

MACHONGUEZI MUHAMMADI MUBAY: O KOTA DO VIOLINHO

Havia em Lichinga, um homem cujo silêncio aos olhos escondia um universo de som. Chamavam-no Machonguezi Muhammadi Mubay. A cegueira tirou-lhe a vista, mas deixou-lhe mãos que viam como ninguém: mãos capazes de transformar pedaços de madeira e arame num violinho que cantava como quem conta histórias antigas.

Naquela época, entre os anos 80 e 93, passeava pela feira e pelos becos com o seu instrumento ao peito. Muitos viam-no só como um tocador humilde, uma presença menor na rotina do mercado. Mas quem parava para ouvir percebia que cada nota era uma lição disfarçada. As suas músicas não eram apenas sons; eram aulas de sapiência embaladas em melodias simples: conselhos sobre paciência, sobre perdão, sobre como o tempo molda as pessoas e não as apaga.



O violinho de Machonguezi tinha voz própria. Quando ele puxava o arco, a cidade parecia inclinar-se para ouvir. As senhoras que passavam apressadas detinham o passo; os rapazes do bairro esqueciam por um instante a correria. Ele requintava as memórias do povo e devolvia-as em canções que, hoje, soam como manuais ou hinos de vida.

Já não está entre nós, e isso dói como dói a última nota que se perde no ar. Mas a sua música, o seu legado, as histórias, ficam como tatuagens feitas na mocidade, mas perduram gerações. Ficam como escola. Cada melodia que ele deixou é uma frase ainda não dita e que ainda hoje, nos corrige: lembra-nos de olhar com cuidado, de ouvir com respeito, de valorizar o toque artesanal que salva história do esquecimento.

Machonguezi era, e continuará a ser, o professor invisível de Lichinga: cego aos olhos do mundo, lúcido no que realmente importa. Que as suas cordas continuem a vibrar nas recordações e que os jovens aprendam, nas suas lições sonoras, a fazer música que ensine.

Por Ângelo Madrugas



AULAS DE EXPLICAÇÃO



DISCIPLINAS

PORTUGUÊS
MATEMÁTICA
BIOLOGIA
CIÊNCIA NATURAIS E SOCIAIS

INSCRIÇÕES

DOS 6 AOS 10 ANOS = 350MT

DOS 11 AOS 20 ANOS = 650MT

MENSALIDADES

DOS 6 AOS 10 ANOS **200MT** ■ DOS 11 AOS 20 ANOS **500MT**



PEQUENOS PASSOS, GRANDES FUTUROS, MAIS SABER E
MAIS SUCESSO



BAIRRO DE MAOMÉ NOVO
CIDADE DE LICHINGA



+258

871733552
875176728



ENTRE – VERSOS

RAÇA DE VÍBORAS

Mixaque Lucas

Preto.

Preto de olhos castanhos, enevoados pelo fumo do cigarro.

Olhar cansado, pele marcada pelo peso da espera, de tantas respostas que nunca chegaram.



Raças de víboras.

Víboras que espalham o medo por todos os continentes,
mas que também enxergam ameaça
numa pele negra,
em cabelos crespos
e num olhar firme e intimidante.

Preto.

Preto escravo.

Chamado de filho bastardo da Mãe África,
que, por ironia da história,
foi a última a receber de volta aquilo que dela foi arrancado.

Pai nosso que estás no céu,
eu sou preto.

Preto pertencente a esta África,
África que testemunhou o nascimento
do seu filho amado.

Dizem que sou amaldiçoado por ser preto.
Preto de olhos castanhos,
enevoados pelo fumo do cigarro.
Mas a minha pele não é maldição.
É memória.
É resistência.
É herança.
É a prova de que sobrevivi
a todas as víboras que tentaram envenenar e calar a minha
existência.





MINHA BIO

HOMENAGEM AO CARLOS SÓCRATES: O SUPER HOMEM DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS

Carlos Sócrates, é mais do que um nome; é um símbolo, uma referência no quesito cultural em Niassa. Berço de criações e execuções, seus dedos na guitarra são uma verdadeira orquestra.

Nascido a 12 de Abril de 1967, na província da Zambézia, reside em Lichinga desde 1994, onde construiu uma carreira inteira. A sua história na música sobreviveu Eras, consolidando-o não apenas como artista, mas também como professor de novos talentos. Tem uma trajectória que se confunde com a história da música na província do Niassa, cujo percurso tornou-lhe num dos mais respeitados instrumentistas e promotores da identidade cultural de Niassa.

Aprendeu as artes muito antes de aprender a vida e Niassa, adoptou-lhe como um dos seus. Carlos Sócrates integra na banda 1º de Maio de Quelimane em 1980, onde continua como membro; e na década 1990 junto de uma banda musical de Nacala, concretamente



em 1994, pisa o planalto de Lichinga a convite do Niassa Entretenimento, afim de acompanhar uma actuação do renomado músico Stuart Sukuma. Depois do espectáculo, surgiu uma proposta para que o grupo permanecesse em Lichinga, embora, com o passar dos anos, os restantes integrantes tenham deixado a província, Sócrates decidiu permanecer, tornou-se natural e hoje canta Niassa de peito e alma.

Carrega consigo a paixão da infância, que aliada a criatividade, superaram o acesso limitado dos instrumentos musicais. Na escola tocava latas e fabricava violas com materiais caseiros, utilizando latas de azeite e pedaços de madeira. Foi assim que começou a descobrir um talento e a desenvolver o amor pela música.

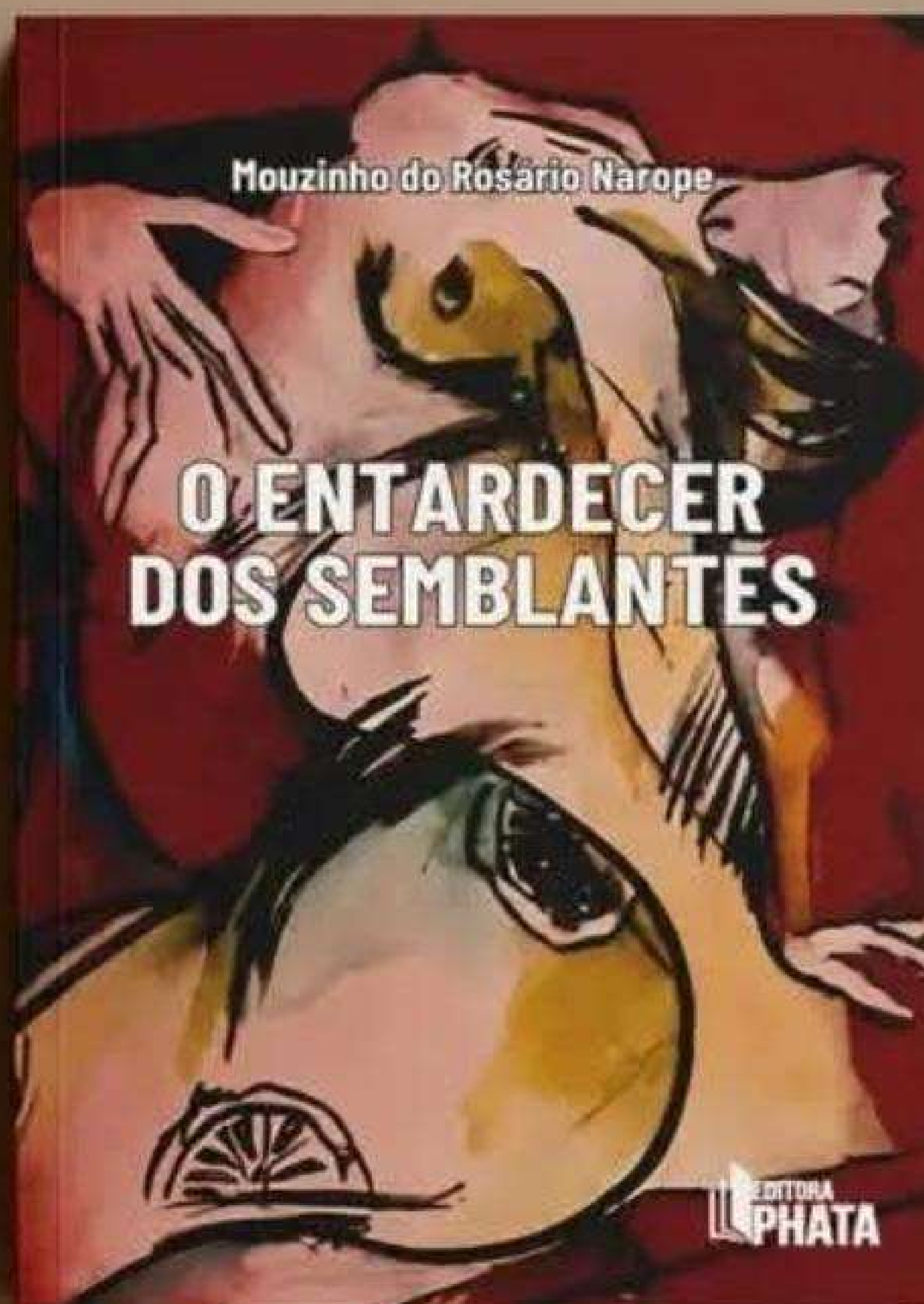
Ao longo da sua trajetória, Carlos Sócrates na década de 1990 integrou e contribuiu para o fortalecimento da emblemática banda Os Massukos. Cumprida a missão na banda, como um peregrino da música, corre atrás de projectos pessoais.

Entre várias iniciativas, monta o primeiro estúdio caseiro em Lichinga, que viria se transformar numa gravadora de áudio e vídeo registada como editora. Um verdadeiro Mestre da guitarra, conhece a sonoridade e alma dos ritmos de Niassa em decoro. Os hinos que mais cantam Niassa conhecem seus dedos, e ainda assim, não se considera realizado como artista.



Em 2020, o missionário das artes em Niassa, funda a banda Os Versáteis, para ajudar jovens talentos na criação e interpretação de números musicais atemporais e diversos. E mais recentemente, no dia 25 de Junho de 2026 foi condecorado pelo Estado moçambicano. Uma menção honrosa recebida com muito orgulho pelo contributo de enorme valor no mundo das Artes na província.

BREVEMENTE



**EDITORA
PHATA**
Livros para o futuro

Email: editoraphata2@gmail.com

Telefone: (+258) 84 73 73 832 / 87 75 16 665

Website: editoraphatal.wixsite.com



Carlos Sócrates é proprietário de uma empresa de eventos culturais, L Studios Editora, que fornece palco, sistema de som, instrumentos musicais e outros equipamentos para espectáculos. Nele quando a guitarra, a bateria, teclado, o piano ou microfone reclamam dedos ou voz, o instrumentista de todos instrumentos veste de super-herói para alegrar presenças de todos gostos.

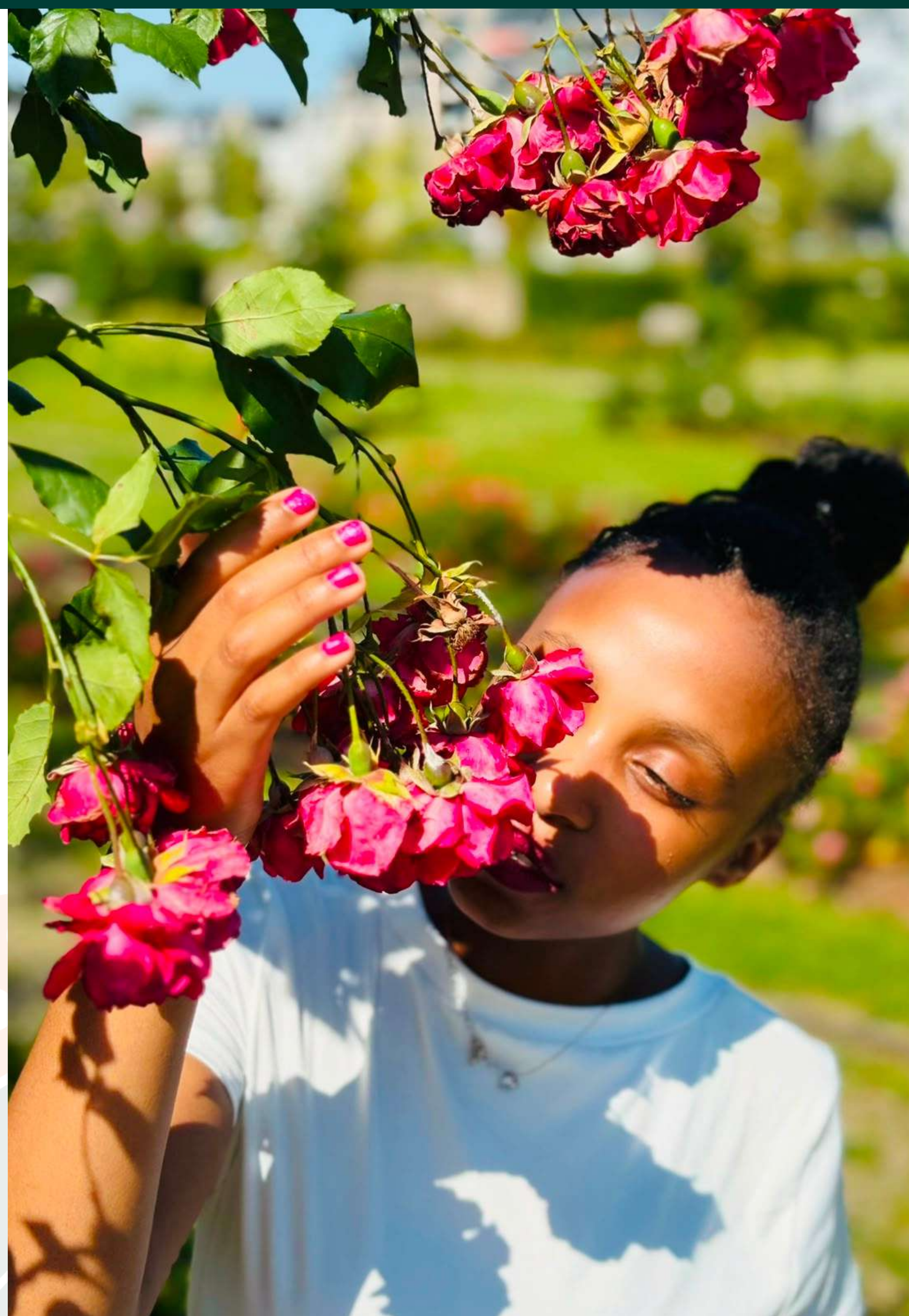




PERGAMINHOS

TE MIRO

Hoje me peguei olhando para ti de um modo diferente, como quem procura por algo que não sabe ao certo o que é, numa tentativa de encaixar todas as peças através das tuas feições que agora soam tão anódinas que chego a não as reconhecer; tudo em ti é tão vazio, um vazio maior do que aquele que assombra o meu coração; no desespero continuo te olhando na esperança de adentrar as camadas de londasleíta que agora tento recalcitrantemente quebrar, é um esforço inconsciente e digamos inútil.



Depois de tanto avigorar e vencida pelo cansaço finalmente compreendo o que mudou, na verdade não são as tuas feições que se tornaram impenetráveis, eu é que já não me vejo em ti, por muito tempo eu andei a minha procura, tu foste o único lugar em que eu finalmente me encontrei, em que eu me vi tão vulnerável e forte, em que pude ser insanamente meiga, ser quem eu sou de verdade.

Olho para ti mais uma vez, agora sabendo o que procuro, definitivamente não me encontro.



TURISMO & LAZER

RESTAURANTE CHAMBO: QUANDO A GASTRONOMIA SE TRANSFORMA EM PATRIMÓNIO E ORGULHO DO NIASSA

Há lugares onde se vai para comer. E há lugares onde se chega para viver uma história. O Restaurante Chambo pertence à segunda categoria. Ali, cada prato servido carrega o sabor das águas do Lago Niassa, a memória de uma província inteira e o trabalho silencioso de pessoas que compreenderam que cozinhar é muito mais do que preparar alimentos: é acolher, preservar identidades e transformar afecto em experiência.



No ano em que celebra três décadas de existência, o Restaurante Chambo voltou a escrever o seu nome entre os grandes símbolos da hospitalidade moçambicana ao conquistar, na Gala de Turismo de Moçambique 2026, realizada em Nampula, o prémio de Melhor Restaurante da Província do Niassa. O galardão chega como reconhecimento de uma caminhada construída com disciplina, humildade e uma paixão que nunca perdeu o sabor das origens.

A história do Chambo começa a 18 de Novembro de 1994/5, pelas mãos da empresária Argentina Luís, mulher cuja visão transformou um sonho num dos mais respeitados espaços gastronómicos da província. O nome do restaurante nasceu em homenagem ao chambo, um dos peixes mais emblemáticos das águas do Lago Niassa e um verdadeiro património culinário da região. Escolher esse nome foi afirmar, desde o primeiro dia, que o restaurante seria um lugar onde a identidade do Niassa seria servida à mesa.



Ao longo da sua trajetória, o Restaurante Chambo tornou-se muito mais do que um estabelecimento comercial. Tornou-se ponto de encontro de famílias, viajantes, empresários, artistas e visitantes que encontram, em cada refeição, um pedaço da cultura niassense. A casa construiu a sua reputação preservando os sabores tradicionais, sem perder a capacidade de inovar, sempre fiel ao princípio de que a excelência nasce da constância.

Os reconhecimentos vieram como consequência natural desse compromisso. Em 2017, o restaurante conquistou, pela primeira vez, um prémio nacional de gastronomia, levando o nome do Niassa aos palcos onde a excelência culinária é celebrada. Em 2019, voltou a ser distinguido na Gala de Turismo, reafirmando a qualidade dos seus serviços. No mesmo ano, em Junho, o restaurante e a sua fundadora receberam novas condecorações pelo contributo prestado ao desenvolvimento da província. Agora, em 2026, o Chambo renova a história e confirma aquilo que os seus clientes já sabiam: a excelência não é obra do acaso.



A proprietária, Argentina Luís, recebe cada prémio com a serenidade de quem conhece o verdadeiro significado da vitória. *"Todos os prémios dedico aos meus clientes e colaboradores"*, afirma, lembrando que nenhuma conquista é individual quando nasce do trabalho colectivo. Para ela, a gastronomia é uma escola permanente de humanidade. "Cada dia é um dia e cada cliente é uma lição. Cozinhar é uma terapia. A humildade está acima de tudo", partilha, revelando a filosofia que sustenta o sucesso da casa.

Essa forma de olhar para a vida reflecte-se igualmente no menu. O famoso chambo, preparado segundo a tradição da casa, continua a ser o grande embaixador da cozinha local. A ele juntam-se especialidades como a galinha cafreal confeccionada ao estilo do restaurante e o cabrito, pratos que conquistam visitantes vindos de diferentes pontos do país. Cada receita preserva os sabores da terra, respeitando ingredientes, técnicas e memórias transmitidas ao longo dos anos.



Aqui, os pequenos detalhes são mais do que simples objectos de adornos; contam histórias. Num dos cantos do restaurante encontram-se taças enormes povoadas por rolhas, exclusivamente consumidas na casa. Mais do que elemento decorativo, esse espaço simboliza a ligação profunda entre o restaurante e os seus clientes.

Ao contemplar os troféus conquistados ao longo dos anos, percebe-se que eles não representam apenas vitórias empresariais. São testemunhos de perseverança, de trabalho árduo e da coragem de acreditar que uma cozinha provincial pode alcançar reconhecimento nacional sem renunciar às suas raízes.

TURISMO & LAZER

O Restaurante Chambo continua, assim, a servir muito mais do que refeições. Serve memórias, identidade, hospitalidade e esperança. Cada mesa preparada celebra uma história. Cada cliente recebido fortalece um sonho iniciado há trinta anos. E cada prêmio conquistado confirma que, quando a paixão tempera o trabalho e a humildade guia o caminho, o sucesso deixa de ser destino para se tornar consequência.





ARTES & VIDA

TECARTES: O JOVEM QUE TRANSFORMA A ARTE EM INSTRUMENTO DE MUDANÇA SOCIAL

Na cidade de Lichinga, a arte continua a ganhar espaço através do talento e da determinação de jovens que fazem da criatividade uma forma de expressão e de transformação social. Entre esses jovens destaca-se Tecnésio Luís, ou simplesmente, TECARTES, um artista que encontrou na arte um caminho para comunicar, retratar a realidade e inspirar outras pessoas.

A paixão pela pintura brotou numa terra fértil, quando a ocupação fez da escola um ofício das artes. O gosto pelo desenho falou um idioma natural, e tornou-se evidente para a sua família, especialmente para a sua mãe, que foi a primeira pessoa a reconhecer o seu talento e a incentivá-lo a desenvolvê-lo.

“A paixão pela arte começou quando eu ainda estava na escola. Foi a minha mãe quem descobriu o meu talento e acreditou em mim desde o início.” recordou.



Tecartes como outros artistas, vive fora da bolha, e procura produzir obras que vão muito além da decoração. As suas pinturas abordam temas ligados ao impacto social, retratam paisagens e representam acontecimentos da actualidade, procurando despertar a consciência das pessoas sobre diferentes questões da sociedade. Para o jovem artista, a pintura deve ser uma linguagem capaz de transmitir mensagens e provocar reflexão.



“Procuro transmitir mensagens de impacto social. Quero que as minhas pinturas levem as pessoas a pensar sobre aquilo que acontece à nossa volta”, afirmou.

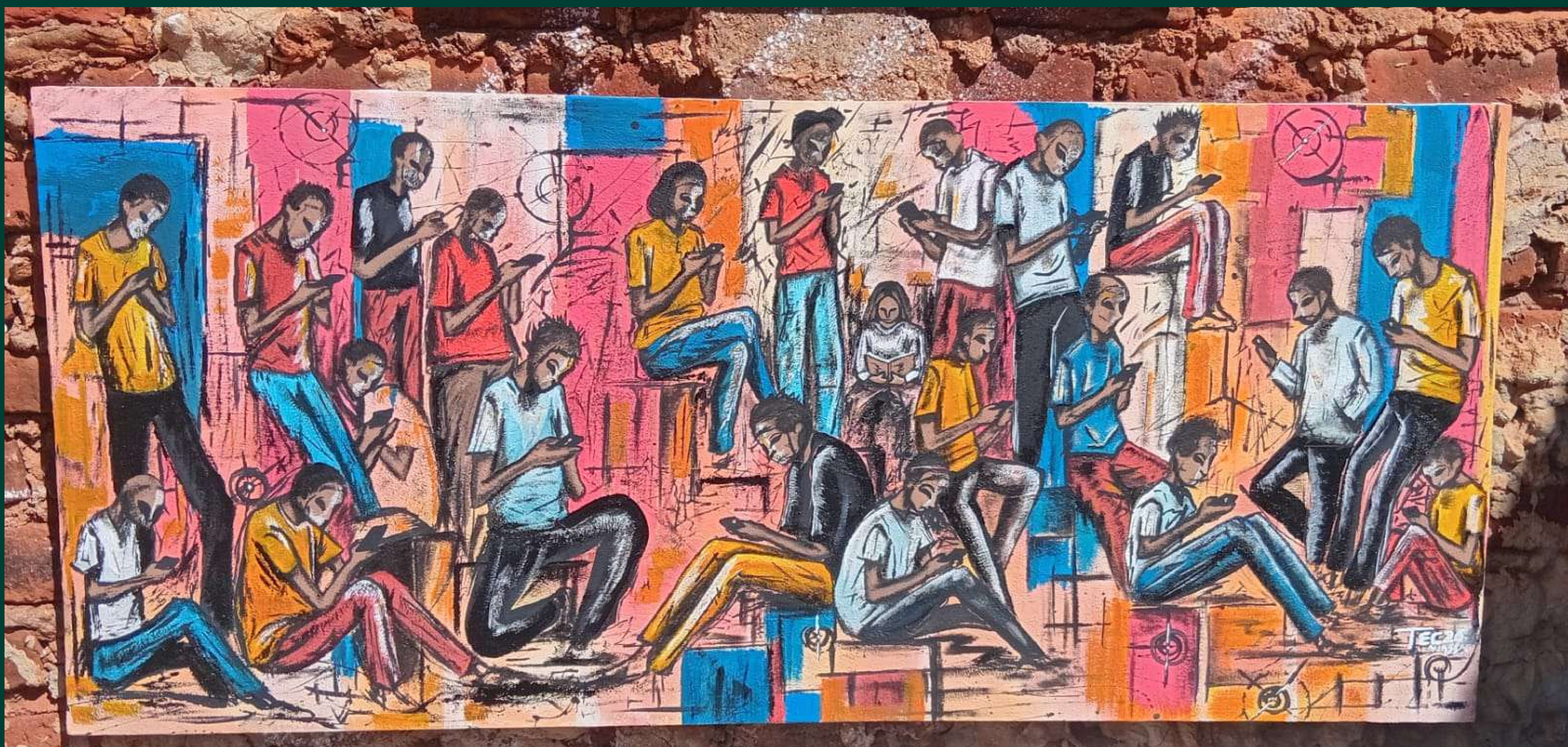
Apesar do reconhecimento que tem vindo a conquistar, o percurso não foi isento de dificuldades. O pintor recordou os momentos em que a criatividade e inspiração partilhou tecto com as sombras. No entanto, escolheu transformar as críticas em motivação para continuar a crescer.



“Houve pessoas que tentaram desmotivar-me, mas nunca deixei de acreditar no meu sonho. Foi a persistência que me trouxe até aqui”, disse.

Na fala de um verdadeiro vencedor, Tecartes apontou a dificuldades, mas sem cacarejar vislumbra um futuro sorridente da sua arte. Apesar disso, referiu igualmente que ainda existe pouca união entre os artistas da província, situação que dificulta o fortalecimento da classe artística. “Às vezes falta apoio entre os próprios artistas. O egoísmo faz com que cada um fique do seu lado, dificultando o crescimento colectivo”, lamentou.

Ao recordar alguns dos momentos mais marcantes da sua carreira, destacou a participação num concurso de artes plásticas que lhe permitiu representar a província do Niassa na fase nacional, realizada na cidade da Beira, em 2021. A experiência proporcionou-lhe a oportunidade de conhecer artistas de diferentes regiões do país, trocar conhecimentos e ampliar a sua visão sobre o universo das artes plásticas.



de olhos carregados de emoção, Tecartes entre suas jóias, escolhe a dedo a sua criação mais celebre “Globalização Tecnológica”, uma pintura que retrata o comportamento da juventude actual perante as novas tecnologias. Segundo explicou, a obra procura chamar a atenção para o tempo excessivo que muitos jovens dedicam aos telemóveis e às redes sociais. “Esta obra mostra como os jovens passam grande parte do tempo nos telemóveis e nas redes sociais. É uma reflexão sobre a sociedade em que vivemos”, explicou.

Falando sobre o seu processo criativo, o artista revelou que cada trabalho nasce primeiro na imaginação. “Primeiro surge uma ideia. Depois forma-se uma imagem na minha mente e, finalmente, essa visão transforma-se numa pintura”, afirmou, demonstrando que cada quadro resulta de um processo de reflexão antes de ganhar forma sobre a tela.

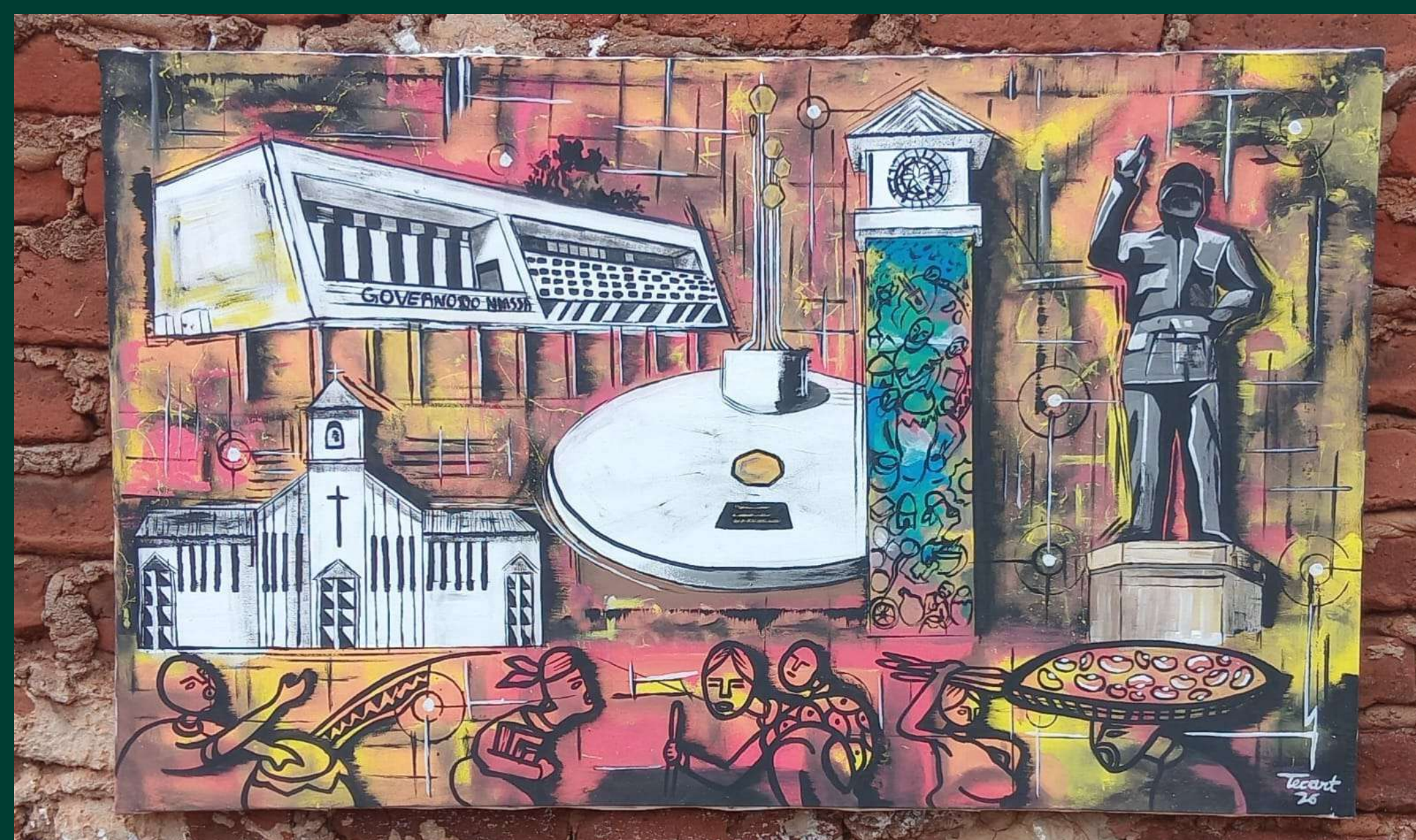
Embora reconheça que viver exclusivamente da arte ainda seja um desafio, Tecartes não esconde a satisfação pelas conquistas alcançadas. “Não ganho muito. Financeiramente ainda não compensa”, confessou. Ainda assim,



considera que a sua maior vitória foi conquistar a independência financeira através do talento e do esforço pessoal, mostrando que a persistência pode abrir caminhos mesmo diante das dificuldades.

Olhando para o futuro, o jovem artista revelou que o seu maior sonho é criar um ateliê e uma galeria de arte, espaços onde poderá produzir, expor e aproximar ainda mais o público das suas obras.

Texto de Benefiel Bonga





TRILHA DA NOSSA CAMINHADA

TRILHA DA NOSSA CAMINHADA



Iryene Yetu Agency
Niassa
872244777

TRILHA DA NOSSA CAMINHADA



Pintor das Ruas
Niassa
+258867897785



Upile
Lichinga
2026

